

economia & história



Desindustrializações em Perspectiva

RÔMULO MANZATTO (*)

Os autores clássicos da economia do desenvolvimento acreditavam que o setor industrial poderia ser visto como o motor do crescimento econômico de um país.

Por sua vez, as abordagens estruturalistas, com destaque para os estudos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), promoviam a industrialização acelerada como a via mais rápida para o desenvolvimento das economias da região.

É o que nos lembra Fionna Tregenna¹ ao apresentar sua abrangente pesquisa sobre os processos de desindustrialização da última década. Ao contextualizar a discussão, Tregenna afirma que essas abordagens teóricas ganharam destaque nas décadas de 1950 e 1960, período de

avanço da industrialização tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento.

Tal tendência seria revertida nas décadas seguintes, quando o processo de desindustrialização passa a avançar inicialmente nas economias desenvolvidas, para depois atingir também os países de menor renda *per capita*.

A literatura especializada trabalha com diferentes definições para caracterizar o fenômeno da desindustrialização. Em geral, define-se a desindustrialização como uma queda constante da participação do setor industrial no total de empregos de uma economia.

Tregenna, por sua vez, propõe que um processo de desindustria-

lização deve ser definido como um declínio consistente não só da proporção do emprego industrial em relação ao emprego total, mas também da participação do produto industrial no PIB de um país.²

A partir daí, Tregenna apresenta um amplo panorama empírico das tendências globais de desindustrialização. Alguns dos resultados chamam a atenção.

O primeiro é o que a economista denomina como o fracasso das tentativas de industrialização dos países de menor renda *per capita*. No período analisado, entre 1970 e 2010 a participação do setor industrial no emprego nesses países não chega a 5% do total. Também a participação da indústria no PIB dessas economias mal ultrapassa

o nível de 10% da produção total, desempenho atingido somente na década de 1990, no breve auge desses processos locais de industrialização.

Segundo Tregenna, essa tendência é observada principalmente nos países da África Subsaariana. Nessa região, a desindustrialização teria ocorrido antes mesmo que esses países houvessem de fato se industrializado, o que leva a autora a sugerir que o fenômeno poderia constituir uma espécie de desindustrialização realizada ainda durante uma fase de pré-industrialização.

Embora reconheça que essa caracterização possa soar contraditória, Tregenna reforça que a intenção é enfatizar uma situação em que países começam a se desindustrializar a partir de uma base industrial ainda incipiente.

Alguns exemplos podem elucidar melhor o fenômeno das desindustrializações em fases de pré-industrialização. Tregenna cita o caso da Libéria, país da África Ocidental, em que a proporção da indústria no total de empregos caiu de 3% na década de 1970 para somente 0,3% em 2010. Na mesma direção, a participação da indústria no PIB do país passou de 11% em 1990 para somente 6% em 2010.

Em Moçambique há a mesma tendência. As participações no total de empregos e no PIB passaram,

respectivamente, de 4% e 24% na década de 1990 para 1,5% e 14% em 2010. Movimento similar foi observado nas economias de Serra Leoa, Malawi, Quênia, Madagascar, Guiné, Tanzânia e Sudão. A autora reconhece que parte dos resultados pode ter sido influenciada por descontinuidades em séries de dados, ou mesmo por dados de baixa qualidade, mas acredita que, mesmo assim, o panorama geral serve para distinguir uma tendência de desindustrialização bastante prematura nesses países.

Algo diferente ocorreu na região do sul da Ásia, que inclui a Índia, onde a participação do setor industrial no total do emprego e do PIB cresceu de maneira consistente. Em contraste, observou-se queda acentuada da indústria no PIB do grupo de países da Europa e Ásia Central formado majoritariamente por países que anteriormente pertenciam à URSS, fenômeno que a autora atribui, em grande parte, às agressivas políticas de liberalização econômica levadas a cabo na região após a queda do Muro de Berlim.

Na América Latina, a queda da participação da indústria no emprego e no PIB vem sendo consistente desde a década de 1990, tendência também observada nos países do Oriente Médio e do norte da África.

Algo similar ocorre nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

e nos países de alta renda *per capita* em geral. Nesses grupos, houve queda expressiva da participação da indústria na economia. Nos países de maior renda, a participação da indústria no trabalho total em 2010 correspondia a menos da metade do nível registrado em 1970, quando respondia por mais de 25% do total de empregos. Quase tão expressiva em magnitude foi a queda da participação da indústria no PIB nesses mesmos países.

Fiona Tregenna não deixa de ressaltar que embora a desindustrialização tenha ocorrido em países de baixa, média e alta renda *per capita*, os países de alta renda ainda detêm níveis de participação da indústria na economia consideravelmente superiores do que os níveis mais altos de industrialização alcançados pelos países de baixa renda nas décadas anteriores. Ou seja, mesmo no auge de seus processos de industrialização, nas décadas anteriores, os países de baixa renda não conseguiram atingir o nível mais baixo de industrialização apresentado pelos países de alta renda nos dados mais recentes.

No recorte por renda, Tregenna afirma que a tendência geral tem sido de avanço no processo de desindustrialização em todas as faixas consideradas. Esses resultados empíricos revelam uma tendência que contrasta com algumas das conclusões da literatura acadêmica sobre desindustrialização.

Assim, os estudos tradicionais desse campo afirmam que a desindustrialização apresentaria um relação de “U” invertido entre a participação da indústria no emprego total e no produto e o nível de renda *per capita*. Por isso, conforme a renda *per capita* de um país aumentasse, a participação da indústria diminuiria, em um processo de desindustrialização.

Tregenna reforça que esse padrão não necessariamente tem sido observado nos trabalhos empíricos com amostras mais amplas. O fato é que, ao longo do tempo, a tendência tem sido de desindustrialização em países de diferentes níveis de renda, com países de menor renda *per capita* se desindustrializando a partir de bases industriais muito reduzidas, ou mesmo incipientes.

O processo de desindustrialização, contudo, avança em velocidades diferentes, lembra Tregenna. Assim, desde o início da década de 2000, alguns países de renda média têm apresentado maiores níveis de participação da indústria no emprego e no PIB do que os países de alta renda.

A continuar nesse ritmo, a participação econômica da indústria nos países de renda média, em conjunto, tende a se aproximar da participação nos países de maior renda pela diferença na velocidade dos processos de desindustrialização.

Assim, conclui a autora, se a tendência observada se mantiver, é possível que haja uma convergência não porque os países de renda média estão se industrializando em ritmo mais rápido, mas porque os países de maior renda é que têm se desindustrializado a uma velocidade maior.

Referências

TREGENNA, Fiona. Deindustrialization and premature deindustrialization. In: REINERT, Eric S.; GHOSH, Jayati; KATTEL, Rainer. **Handbook of alternative theories of economic development**. Cheltenham/Northampton: Edward Elgar Publishing, 2016a.

_____. Deindustrialisation: an issue for both developed and developing countries. In: WEISS, J.; TRIBE, M. (eds), **Routledge Handbook of Industry and Development**. London: Routledge, p. 97-115, 2016b.

WOOD, A. How trade hurt unskilled workers. **Journal of Economic Perspectives**, v. 9, n. 3, p. 57-80, 1995.

1 Economista, Ph.D em Economia pela Universidade de Cambridge e professora da Universidade de Joanesburgo, na África do Sul. Esse artigo apresenta alguns dos principais argumentos de Tregenna (2016a).

2 Uma discussão detalhada das tipologias alternativas para definir os processos de desindustrialização pode ser encontrada em artigo da mesma autora: Tregenna (2016b).

(*) Economista (FEA-USP) e mestre em Ciência Política (DCP/FFLCH-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com).